

O NOVO BESTSELLER DA VENCEDORA DO PRÉMIO  
MELHOR ROMANCE ERÓTICO 2014

*A escritora  
sensual que  
destronou  
E L James e  
Sylvia Day*

J. Kenner

# Possui-me

A força do desejo  
uniu-os para sempre



TOPSELLER

**B**ranco.

Está por todo o lado, à minha volta. Suave e esvoaçante. Delicado e reconfortante.

Quanto a mim, encontro-me numa sala, embora não veja nem paredes nem janelas. Há apenas o fluir incessante do tecido. A carícia sensual da seda contra o meu corpo enquanto atravesso as cortinas que preenchem o espaço à minha frente. Centenas, talvez milhares. São lindas. São perfeitas. E eu não tenho medo.

Pelo contrário, estou perfeitamente calma. E, à medida que avanço, com os pés descalços a tocarem delicadamente no chão fresco, apercebo-me de que estou a caminhar em direção a uma luz forte. O brilho transparece através dos painéis diáfanos que ondulam à minha passagem, como se fossem soprados por uma brisa oceânica.

Sei que estou a dirigir-me para algo — *para alguém* — e sinto uma fonte de alegria a jorrar dentro de mim. *Ele* está ali. Algures por trás desta floresta de sensualidade. Algures na luz.

*Damien.*

Estugo o passo, com a pulsação a aumentar à medida que avanço cada vez mais depressa.

Estou desesperada por vê-lo. Por sentir as pontas dos seus dedos na minha pele, delicadas como o roçar destas cortinas sobre o meu corpo. No entanto, por muito que acelere o passo, parece que não chego a lugar algum, e entretanto a trepidação suave dos cortinados ganhou um aspeto ameaçador. Parece que se estendem, querendo agarrar-me e reter-me.

O pânico borbulha dentro de mim; tenho de o alcançar. Preciso de o ver, de lhe tocar, mas, por mais que me esforce, a impressão que tenho é que não avanço de todo. Estou presa, e o que ainda há um instante parecia a beleza acolhedora de uma cortina às portas do céu assemelha-se agora a uma armadilha, um ardil, um horrível pesadelo.

*Um pesadelo.*

A minha pulsação acelera quando me dou conta da verdade. Não me encontro numa sala; estou numa cama.

Não vou a correr; estou a dormir.

Isto é um sonho, um sonho e nada mais do que isso. Todavia, trata-se de um sonho do qual sinto não conseguir

acordar, apesar de já me estar a mover mais depressa, abrindo caminho por entre estas malditas cortinas, pois tenho a certeza — aquele tipo de certeza que só surge no mundo dos sonhos — de que, se for capaz de as ultrapassar, ficarei em liberdade. Acordarei. E voltarei a estar segura, nos braços do Damien.

Mas não consigo passar.

Por muito que empurre e acotovele e esmurre a seda fina como gaze para a atravessar — por muito que corra e corra até me convencer de que os meus pulmões re-bentarão de esforço —, não chego a lugar algum para além daquele em que já me encontro, e caio, derrotada, no chão frio, com a saia a tufar-se à minha volta como as pétalas de uma flor.

Tateio o tecido, hesitante. Enquanto corria, não me apercebera de que estava a usar um vestido, mas isto é um sonho e sei que não devo surpreender-me com os parâmetros bizarros desta versão da realidade. Em vez disso, concentro-me em recompor-me. Em manter a calma. Em respirar profundamente. Já não estou a avançar, o que é bom, pois, agora que parei, as cortinas vão caindo, esvoaçando suavemente até ao solo, desaparecendo então como algodão-doce ao tocar na água, até que nada resta para além de mim e desta sala com paredes brancas que parecem encolher à minha volta, aproximando-se de cada vez que respiro.

Sinto o peito apertado e, quando olho para baixo, vejo que cerrei a mão num punho à volta da saia de seda. Esta tem pequenas flores amarelas e douradas bordadas na bainha, contrastando com a seda branca, e nas flores há pérolas brancas e brilhantes que se cravam agora na palma da minha mão. Olho para o corpete justo, observando a perfeição da seda e a pressão delicada do espartilho.

Estou a usar o meu vestido de noiva e, por um instante, essa noção apazigua-me. *Damien*, torno a pensar. Ainda que não esteja a meu lado, sei que está comigo. Este homem — este homem incrível que em breve será meu marido.

Basta-me pensar nele para me acalmar e ser capaz de respirar com mais facilidade. Posso continuar, posso mexer-me. Posso levantar-me, avançar e deixar esta sala.

Posso ir para os braços do Damien.

Começo a fazer exatamente isso, movendo o corpo para me pôr de pé.

E é então que vejo a mancha.

Um borrão rosado no meio da seda pura e branca da saia. É tão ligeiro que, ao início, julgo que será uma ilusão causada pela luz. Mas depois o tom intensifica-se, passa de rosa a vermelho e espalha-se, maculando a pureza do meu lindo vestido.

*Sangue.*

Já frenética, cambaleio às arrecuas, como se pudesse fugir à mancha não obstante o facto de estar a usá-la. Mas é claro que não há como escapar-me, e agarro a saia, tentando levantá-la para ver por baixo. Tentando, desesperadamente, descobrir a origem do sangue.

Mas não consigo. Tenho as mãos demasiado escorregadias. Vermelhas, molhadas e manchadas. Esfrego-as na saia, tentando limpá-las. Sinto a respiração arquejante, e a minha pulsação lateja-me tão ruidosamente nos ouvidos que tudo o que ouço é o meu próprio sangue a circular-me nas veias. O mesmo sangue que me cobre, à medida que flui.

*Não, não, oh, meu Deus, não.*

Mas é verdade — tenho a certeza. O sangue na saia é meu e, com um safanão decisivo e desesperado, arrepanho o tecido para cima, repuxando a seda, o cetim e a renda até ter a saia arregaçada à volta da cintura e conseguir ver as pernas, nuas e ensanguentadas.

Ouçó um barulho — uma exclamação. Fui eu que a proferi, e esfrego o sangue, em busca da sua origem. Estou de joelhos, com as coxas unidas, mas agora afasto-as e vejo as cicatrizes que há já tantos anos marcam a pele suave da parte de dentro das minhas coxas. Feridas autoinfligidas pela pressão de uma lâmina empunhada com força.

Lembro-me da doce intensidade desse primeiro corte. Do calor glorioso quando o aço penetra a pele. Do alívio

que acompanha a dor, como o silvo de uma chaleira ao libertar enfim o vapor.

Recordo a dor, mas já não preciso dela. É o que digo a mim mesma. Não preciso das feridas; não quero a dor.

Já não preciso de me cortar.

Estou melhor. Tenho o Damien, que me abraça com força. Que me mantém concentrada, segura e completa.

Mas não há como negar este sangue. E, olhando para a ferida aberta — para a pele rasgada e em carne viva, e para o sangue que se acumula à minha volta, tão pegajoso e pungente —, sinto a tensão a crescer no meu peito e a aflição a deixar-me a garganta seca.

Depois, finalmente, ouço-me gritar.

**D**esperto nos braços do Damien, com a garganta dorida pelo som violento que lhe foi arrancado. Tenho o rosto encostado ao seu peito nu, e choro, com a respiração entrecortada por arquejos e soluços.

As mãos dele afagam-me os ombros, num movimento forte e tranquilizante, possessivo e protetor. Está a dizer o meu nome:

— Nikki, Nikki, chiu, está tudo bem, querida, está tudo bem.

Mas o que ouço é que estou a salvo. Que sou amada. Que sou dele.

As minhas lágrimas abrandam e eu inspiro profundamente. Concentro-me no seu toque. Na sua voz. No seu odor, sensual, familiar e desesperadamente másculo.

Penso em todos os detalhes que constituem este homem que amo. Todas as coisas que o tornam quem é, que lhe dão a capacidade de me acalmar. De encarar

os meus demónios e afugentá-los. Ele é um milagre, e o maior milagre de todos é que seja meu.

Abro os olhos e depois recosto-me, inclinando a cabeça para cima. Mesmo tendo sido arrancado ao sono, ele é excepcional, e eu deleito-me a vê-lo, permitindo que a beleza deste homem me sacie a alma sequiosa. Falha-me a respiração ao fitar-lhe os olhos, aqueles mágicos olhos de duas cores que mostram tanto — paixão, cuidado, determinação. E, acima de tudo, amor.

— Damien — sussurro, sendo recompensada pela sombra de um sorriso nos seus lábios.

— Isso mesmo. — Delicadamente, ele acaricia-me a face, afastando-me o cabelo do rosto. — Queres falar-me do teu sonho?

Abano a cabeça mas, ao mesmo tempo, ouço-me a dizer uma única palavra:

— Sangue.

Vejo de imediato a preocupação que lhe surge nos olhos.

— Foi só um sonho — digo, sem acreditar nisso por completo.

— Um sonho, não — corrige ele. — Um pesadelo. E não foi o primeiro.

— Não — admito.

Quando os pesadelos começaram, não o eram de facto. Apenas uma sensação vaga de mal-estar ao acordar.

Mais recentemente, tenho despertado a meio da noite com o coração a palpitar e o cabelo encharcado em suor. Este, porém, foi o primeiro sonho com sangue.

Recolho-me mais e endireito-me, envolvendo-me no lençol, como se me pudesse proteger dos pesadelos. Entrelaço os dedos nos dele e as nossas pernas continuam a tocar-se. Não quero pensar nos sonhos, mas, se tiver de o fazer, precisarei do toque do Damien para me apoiar.

— Cortaste-te?

Abano a cabeça.

— Não. Só que... só que devo tê-lo feito. Porque não tinha cicatrizes nas pernas, tinha feridas. E estavam abertas. E havia sangue por todo o lado e...

Ele silencia-me com um beijo, tão profundo, firme e exigente que não consigo pensar no medo. Em vez disso, ele preenche-me a alma com um calor ardente e tão intenso que destrói tudo exceto a Nikki e o Damien e a paixão que está constantemente a abrasar entre nós, pronta a atear-se à menor provocação. Pronta a queimar qualquer coisa que ameace esta vida que estamos a construir juntos, seja ela formada pelos fantasmas dos nossos passados ou pelos meus medos do futuro.

*Pelos meus medos do futuro?*

Dou voltas às palavras na cabeça e apercebo-me, com um choque violento, de que contêm o peso da verdade. Essa percepção deixa-me abismada, pois não receio

tornar-me a esposa de Damien Stark. Pelo contrário, acho que ser casada com o Damien é a coisa que menos me assusta neste mundo. É aquilo para que estou destinada, e nunca tenho maior certeza disso do que quando me encontro nos seus braços.

Será isso, então? Terei medo do período entre este momento e o «aceita este homem»?

O polegar dele rasa ao de leve o meu lábio inferior e eu vejo-lhe o brilho compreensivo do olhar.

— Conta-me — diz ele, numa voz que não admite recusas.

— Talvez seja um presságio — sussurro. — Os sonhos, quero dizer.

As palavras que me saem pelos lábios parecem-me uma parvoíce, mas tenho de as dizer. Não posso conter o medo dentro de mim. Sobretudo sabendo que o Damien é capaz de o virar contra si.

— Um presságio? — repete ele. — Como um mau agouro?

Aceno com a cabeça.

— A avisar-nos do quê? — Arqueia uma sobrancelha. — De que não nos devemos casar?

Deteto a provocação na sua voz, mas, ainda assim, a minha resposta é tão firme como violenta:

— Meu Deus, não!

— De que eu possa magoar-te?

— Tu nunca me magoarias — digo-lhe. — Não nesse sentido.

Ambos sabemos que houve alturas em que precisei da dor — em que teria voltado a encostar uma lâmina à pele se o Damien não estivesse comigo. Mas está, e ele é tudo o que preciso agora.

— Então? — pergunta-me enquanto leva suavemente as nossas mãos unidas aos lábios. Com ternura, vai depositando beijos nos nós dos meus dedos, uma sensação doce que me distrai.

— Não sei.

— Eu sei — diz ele, e na sua voz há tanta certeza que me sinto mais calma. — És uma noiva, Nikki. Estás nervosa. — Dá-me um beijo brincalhão na ponta do nariz. — Acho que é assim que costuma ser.

— Não. — Abano a cabeça. — Não, não é...

Porém, não continuo. Pois a verdade é que ele é capaz de ter razão. Nervosismo de noiva? Poderá ser algo tão simples quanto isso?

— Mas não há motivo para estares nervosa — diz ele, ao mesmo tempo que sobe as mãos até aos meus ombros e desce as palmas pelos meus braços, fazendo o lençol fino cair.

Estou nua e estremeço. Não por causa da frescura do ar, mas por causa do anseio nos olhos do Damien. Um anseio ao qual me entregarei da mais livre vontade.

— O que é que se costuma dizer acerca do casamento? Que o noivo e a noiva se tornam um? — Ele percorre-me as clavículas com a ponta de um dedo, que em seguida desce devagar, num toque leve como o de uma borboleta, até chegar ao meu peito. — Isso não é verdade para nós, querida. Não é verdade, porque já somos um só, eu e tu, e o casamento não passa de uma formalidade.

— Sim — digo eu, com a voz reduzida a pouco mais que um sussurro.

Ele segura-me o seio com a mão enquanto o polegar desliza ociosamente pelo mamilo duro e retesado. O toque é tão suave, mas sinto-o em todo o corpo. Um simples rascar de pele contra pele, que não é simples de todo, pois contém a capacidade de me destruir. De me devastar e recompor de novo.

Fecho os olhos, rendida e acolhedora, deitando-me novamente quando o Damien me empurra ao de leve para trás. Ele afasta o lençol, deixando-me exposta, e depois eu sinto o movimento na cama quando ele passa para cima de mim. Está nu e a sua ereção de aço faz pressão nas minhas coxas, quentes e carentes. Estendo as mãos e aperto-lhe o traseiro tenso e firme. Ele não está dentro de mim — nem sequer me afaga o sexo com o dele — e no entanto estou perdida, com os músculos a contraírem-se de desejo por ele, as ancas a retorcerem-se de carência abandonada e desavergonhada.

— Damien — murmuro, antes de abrir os olhos e deparar-me com ele por cima de mim, com os seus olhos suaves a observarem-me o rosto.

— Não — diz ele. — Fecha os olhos. Deixa-me dar-te isto. Deixa-me mostrar-te como te conheço bem. Como conheço intimamente o teu corpo. É que não é só teu... também é meu. E tenciono demonstrar-te como cuido bem e inteiramente do que é meu.

— Achas que eu ainda não sei isso?

Ele não responde com palavras, mas o toque suave dos seus lábios nos meus é toda a resposta de que preciso. Lentamente, deposita beijos delicados pelo arco do meu pescoço, descendo ainda mais até a sua boca se cerrar com brusquidão à volta do meu seio. Já tenho o mamilo tenso, duro e muitíssimo sensível, e ele raso-o com os dentes.

Arqueio-me ao sentir as pequenas ondas de choque que me percorrem e se concentram como um líquido quente no meu ventre. Os músculos do meu sexo contraem-se de desejo. Quero-o dentro de mim — quero-o desesperadamente. Mas ele nem sequer está a tocar-me ali. Não está a tocar-me em lugar algum exceto no peito, onde suga e mordisca, prova e provoca. Está a apagar tudo — pensamentos, preocupações, receios —, até eu ficar reduzida àquele único ponto de prazer que parece preencher-me, estonteando-me de dentro para fora,

ateando e abrasando até me deixar certa de que me virei simplesmente com a sensação da sua boca no meu peito.

Devagar — tão devagar que dói —, ele afasta a boca do meu peito e, com beijos, chega-me à cintura. Detém-se no umbigo, onde a língua me estimula, num toque que se assemelha a cócegas, mas que é bem mais sensual. Desliza uma mão pela parte inferior das minhas costas e eu arqueio-me enquanto ele me mordisca, os dentes a rasarem pela pele suave da minha barriga.

Desceu mais pela cama e eu tenho as pernas bem abertas. Ele está no meio delas, mas sem me tocar no sexo. Nem sequer me acaricia as coxas. Tem uma mão por trás das minhas costas e a outra no colchão ao lado da minha anca, para se equilibrar. Todavia, emana calor, e o triângulo formado pelas minhas coxas e pelo meu sexo parece estar a arder. Estou ateadada pela carência, pelo desejo, pela necessidade de ser possuída.

Contudo, o Damien não faz movimento algum para me satisfazer. Contenta-se a provocar-me e atormentar-me e, enquanto delineia a forma do meu umbigo com a ponta da língua, eu gemo de prazer e frustração.

— Gostas? — pergunta-me.

— Sim — murmuro.

— Eu também. — A sua voz soa grave e reverente.  
— Sabes a reбуçado.

— Os reбуçados fazem mal — provoco.

— Nesse caso — diz ele com um rosnido grave —, gosto de me portar mal.

— Eu também — sussurro, ao mesmo tempo que as minhas ancas se elevam numa exigência tácita. — Mas, Damien...

— Queres mais — remata ele, completando o meu raciocínio. Beija-me o cimo do osso púbico e depois passa os lábios sobre o osso da minha anca, descendo até à junção da coxa.

— Sim, oh, meu Deus, sim.

— E se eu ainda não tiver acabado de te saborear? Se quiser beijar e sugar e provocar cada centímetro do teu corpo? Se quiser saciar-me antes de me lançar bem fundo dentro de ti? Antes de nos perdermos juntos? Antes de deixar que te venhas?

Ele levanta-se e depois debruça-se sobre mim, ficando tão perto que tenho a certeza de que irá beijar-me, tão perto que respiramos o mesmo ar.

Depois afasta-se, desviando a boca para a minha têmpora. Os seus lábios rasam levemente a minha pele antes de ele sussurrar:

— Dar-te-ei sempre mais, querida, mas primeiro quero-te preparada, quero-te quente, quero-te desesperada.

— E estou. — As palavras saem-me de rompante e, enquanto o Damien se afasta, vejo-lhe um sorriso deliciado na boca.

— Estás — diz ele. — Mas também pediste mais. E isso, minha querida Nikki, é uma exigência que fico sempre contente por satisfazer. A questão que se coloca é: mais quê? — A sua boca fecha-se em redor do meu seio e eu grito quando me morde o mamilo. — Mais dor?

Não consigo responder, pois tenho o corpo a mil com a tempestade erótica que ele conjura dentro de mim.

— Mais prazer? — pergunta.

Desliza mais para baixo pelo meu corpo e desta feita há pele a tocar em pele, num contacto que inflama as achas dentro de mim. Os seus lábios passam por entre os meus seios e vão descendo até que chegam ao meu clítoris. Ele sopra ao de leve no meu sexo ao mesmo tempo que põe as palmas das mãos firmemente sobre a parte interna das minhas coxas, abrindo-me. Retira uma mão e passa um dedo delicado pelo meu sexo escorregadio e quente. Tremo, tão excitada que me ocorre que, se ele respirar sequer sobre o meu clítoris, atingirei o orgasmo.

— Mais expetativa?

E depois a sua boca torna a mover-se, descendo-me pela perna, pelas cicatrizes na parte interna da coxa, até chegar àquele ponto sensível atrás do joelho. Estou perdida, a derreter-me. Sou sua, para que me controle, para que mande em mim, e nada posso fazer para além de absorver o prazer com que ele me bombardeia.

Ele continua, descendo ainda mais; chega ao tornozelo e depois à planta do pé. Percorre-a com a ponta do dedo, do calcanhar ao dedo grande, e o meu pé reage, arqueando-se tal como as minhas costas. O meu sexo contrai-se avidamente e eu fico estupefacta com a reação a um simples toque no meu pé. Por outro lado, como poderei surpreender-me com a minha reação a qualquer toque do Damien? Não posso. Só posso render-me, o que, claro está, foi o plano dele desde o início. Afastar-me de mim mesma e trazer-me para este sítio que partilhamos, um sítio onde só existem a Nikki e o Damien e o prazer que encontramos um no outro.

Ele ainda não terminou e vai subindo lentamente pela minha perna com beijos até me deixar a contorcer, com as ancas a girarem tanto de prazer como de carência. Quero mais. Quero tudo. E, milagre dos milagres, por fim o Damien dá-mo. A sua língua palpita gentilmente no meu clítoris: é um toque mínimo, mas ele excitou-me de tal maneira que eu expludo, com as ondas de choque a dispararem até aos meus dedos das mãos e dos pés, um prazer em espiral por todo o meu corpo.

Um toque mínimo, sim, mas também apenas o começo. Abate a boca sobre o meu sexo, suga-o e estimula-o. Segura-me as pernas abertas de forma que não posso mexer-me ou mudar de posição. Não para, fazendo o meu orgasmo aumentar cada vez mais até transformar

o prazer num tormento, até eu ficar desfeita, aberta e carente, desesperada por que ele venha para este sítio comigo, por que me encontre nas estrelas.

— Agora, Damien. Preciso que venhas para dentro de mim agora.

Desta vez, graças a Deus, ele não hesita, mas também não é delicado. De joelhos, vira-me de lado. Passa uma perna por cima da minha, mas prende-me a outra por cima da anca oposta e depois mantém-me estável com a palma da mão sobre a parte externa da minha coxa. Tem a outra mão a agarrar-me o traseiro, mas desliza-a para tocar no contorno do meu ânus ao mesmo tempo que investe profundamente no meu sexo.

Não é uma posição em que já me tivesse possuído, e a sensação das minhas pernas enganchadas, da sua mão e do seu membro tão intimamente dentro de mim, da forma como está ajoelhado contra mim, com o corpo tão ereto como o seu membro enquanto eu me mantenho deitada como uma oferenda vestal, é espantosamente excitante e, assim que ele se move dentro de mim, sinto o orgasmo a crescer novamente.

Fecho os olhos, deixando as sensações fluírem por mim e à minha volta. É mágico tudo isto. Estar tão aberta para o Damien. Estar tão unida ao Damien.

*Unida.*

No sexo, na vida, no casamento.

Um calafrio percorre-me e ouço-o a gemer quando os músculos da minha vagina se contraem à sua volta, puxando-o ainda mais para o meu interior.

— É isso mesmo, querida. Abre os olhos.

Assim faço, e vejo-o a olhar não para mim, mas para a junção dos nossos corpos. Estou a observar-lhe o rosto — vejo a paixão a crescer — e, quando ele desvia o olhar e o traz ao meu encontro, a tempestade que vejo ali a formar-se quase me desfaz. Estou a ofegar ao ritmo das ondas de prazer que se abatem sobre mim. O mesmo prazer que vejo no seu rosto, instigado pelo mesmo calor que lhe observo a arder no olhar.

Um calor que me derrete.

Que me rasga.

Que vai estilhaçar-nos aos dois, penso eu, quando o clímax estrondeia sobre mim e eu me arqueio, mantida no lugar pelo corpo e pela mão do Damien, com o sexo a apertá-lo cada vez mais, a extrair-lhe a sua própria explosão fantástica.

A realidade regressa devagar, como estrelas a surgirem no céu ao escurecer.

Por um momento, tenho de me perguntar se terei derretido, mas é apenas a sensação modorrenta que acompanha uma libertação originada em puro prazer.

O Damien retira-se e eu lamento a perda da nossa ligação, pelo menos até que ele se deita a meu lado,

os nossos braços e pernas num emaranhado, os nossos rostos próximos.

— Obrigada — murmuro.

— Porquê?

— Por me teres distraído. Do meu pesadelo.

Ele ri-se.

— Não me tinha dado conta de que era tão transparente.

— Só para mim. Como tu disseste, conhecemo-nos muito bem.

Ele beija-me a ponta do nariz.

— Não tens motivo nenhum para estar nervosa.

Aceno com a cabeça, mas a verdade é que ele tem razão. Agora apercebo-me disso. Quero que este casamento seja um reflexo para o mundo. Uma manifestação exterior de que estamos juntos. Com beleza, graciosidade e algo especial e único. Quero-o por ele. Por nós. E por todo o maldito mundo.

E por isso, sim, estou nervosa.

— Quero que o casamento seja perfeito — confesso.

— Será — assegura-me ele. — Como poderia ser outra coisa? Afinal, independentemente do que aconteça, no final tu serás minha mulher. E isso, minha querida Nikki, é a única coisa que interessa.

Passo um beijo pelos seus lábios, pois ele tem razão. Quer dizer, sei que ele tem razão.

Mas também sei que está a esquecer-se do bolo e do vestido e da banda e do fotógrafo e das tendas e das mesas e do champanhe, e por aí fora.

*Homens*, penso eu, e depois aninho-me nele, reconhecendo com relutância que pelo menos por hoje conseguiu distrair-me.

Por hoje, só me interessa este homem que em breve será meu marido — e que já é toda a minha vida.

# J. Kenner

## Top 10 das autoras de literatura erótica mais populares da Amazon

Sonhei durante muito tempo com o meu casamento de conto de fadas, mas só quando conheci o Damien Stark — que me capturou com os seus beijos e me libertou com o seu toque — é que comecei a acreditar que ele era o meu destino. Apesar dos segredos e das cicatrizes que ambos carregamos, fomos curados pela paixão que nos une. Rendemo-nos completamente um ao outro e o éxtase a que chegamos é a luz mais brilhante da minha vida.

Mas ainda existem algumas sombras sobre a nossa felicidade. Fantasmas do passado reapareceram para destruir o que mais amamos.

O Damien é a minha âncora neste mundo, e eu sou a dele. Mas se quisermos ficar juntos, vamos ter de combater o nosso passado e avançar sem medo em direção ao futuro.

*Possui-me* é mais um capítulo sexy e arrebatador na história de Damien Stark e Nikki Fairchild:



Veja o vídeo de apresentação deste livro.

[www.topseller.pt](http://www.topseller.pt)



**TOPSELLER**  
livros que se devoram

20|20 editora

ISBN 978-989-8626-96-7



9 789898 626967

Ficção erótica